



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

A EDUCAÇÃO DE SURDOS DURANTE A PANDEMIA

REBECCA DE ANDRADE MARTINS BARBOSA

**BRASÍLIA-DF
2022**

REBECCA DE ANDRADE MARTINS BARBOSA

A EDUCAÇÃO DE SURDOS DURANTE A PANDEMIA

Trabalho Final de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Profa. Dra.. Liège Gemelli Kuchenbecker.

BRASÍLIA-DF

2022

2022**A Educação de Surdos Durante a Pandemia**

Rebecca de Andrade Martins Barbosa

BANCA EXAMINADORA**Profa. Liège Gemelli Kuchenbecker (Orientadora)****UNB/FE/TEF****Profa. Márcia Francisca Diogo Rodrigues (Membro Titular)****Profa. Valícia Ferreira Gomes (Membro Titular)****UNB/FE/TEF****Brasília-DF****2022**

Aos meus familiares por serem a base que me faz quem sou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que coloca sonhos em meu coração e os realiza.

Ao meu esposo, Jonatha, que desde o início tem me ajudado na minha caminhada profissional.

Aos meus familiares: Jasp, Margarida, Ruama e Matteus por todo apoio em minha vida.

A família que me acolheu como parte deles, a família de meu esposo, vó Ana, Jânio, Eliane, Halley e Maria Isabela.

Aos principais mestres que me formaram na área: Professora Liège Gemelli Kuchenbecker, que foi quem me orientou e apoiou na escrita deste trabalho, e também a Professora Edeilce Aparecida Santos Buzar que é não somente quem acompanhou minha jornada de aprendizagem na surdez como também uma pessoa e profissional que tenho grande admiração e respeito.

A todos minha gratidão e amor!

RESUMO

Esse artigo tem como intuito de estudar a aprendizagem dos alunos surdos de modo geral e principalmente durante a pandemia de COVID 19 em 2020 e 2021. Levando em consideração a delicadeza que este momento trouxe para a educação, com ênfase nos alunos surdos. A pergunta central é: como se deu a aprendizagem dos alunos surdos durante a pandemia em uma escola do DF? Enquanto o objetivo geral é: compreender o ensino e aprendizagem dos surdos durante a pandemia. Já os objetivos específicos são: Compreender o processo de ensino- aprendizagem dos surdos em uma escola pública do DF durante a pandemia e analisar as observações durante a prática de estágio obrigatório durante a pandemia. Para tal utilizei uma pesquisa de caráter qualitativo, primeiramente fazendo um estudo bibliográfico do livro Cultura Surda e Libras de Maura Corcini Lopes e colaboradores. Posteriormente fiz uma análise do Projeto Político Pedagógico da escola em que realizei o estágio obrigatório e também análise da entrevista feita com uma professora da escola. Obtendo como resultado uma análise entre teoria e prática, observando detalhadamente os elos entre o PPP, a entrevista e os teóricos aqui fundamentados, refletindo então sobre os ganhos e perdas na educação de surdos durante o contexto pandêmico bem como se deu suas aprendizagens nesse período. Finalizando com as considerações finais que refletem sobre a educação de surdos de modo geral e também os impactos da pandemia nessa educação.

Palavras chaves: Aprendizagem - surdez – pandemia - cultura.

SUMÁRIO

MEMORIAL EDUCATIVO	7
INTRODUÇÃO	16
METODOLOGIA	16
Problema de Pesquisa	17
Objetivo Geral	17
Objetivos Específicos	17
TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS	17
Antiguidade	18
Idade Média	18
Idade Moderna	19
Idade Contemporânea	20
Educação de Surdos no Brasil	21
Educação de Surdos na Atualidade	22
ADENTRANDO AS QUESTÕES DA EDUCAÇÃO DE SURDOS	22
O ENSINO REMOTO NAS ESCOLAS PÚBLICAS ENTRE 2020 E 2021 NO	
DISTRITO FEDERAL	25
A EDUCAÇÃO DE SURDOS EM ESCOLA NO DISTRITO FEDERAL DURANTE A	
PANDEMIA	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
PERSPECTIVAS FUTURAS	33
BIBLIOGRAFIA	33
ANEXO	36

MEMORIAL EDUCATIVO

Começo este memorial com o trecho de uma das músicas de minha banda favorita: “Tudo que eu tenho de valor são as minhas memórias se elas partissem eu partiria em dois” - Rosa de Saron.

Sou Rebecca de Andrade Martins Barbosa, filha de Margarida Maria Ferreira de Andrade e João Jasp Ferreira Barbosa. Minha mãe é de Nova Russas - Ceará e meu pai de General Carneiro - Mato Grosso. Encontraram-se em Brasília no início da década de 90, em 1992 se casaram e foram morar em uma casa no centro de Ceilândia, no Distrito Federal. Em 1993 tiveram sua primeira filha Ruama e em 1994 tiveram seu segundo filho Matteus. Ambos trabalhavam e por isso contrataram uma babá para ficar com os meus irmãos. Entretanto, o Matteus ficou com bronquite e após isso meus pais decidiram que meu pai iria parar de trabalhar e se dedicar a cuidar de meus irmãos.

Nasci, então, no ano de 1999. Após o fim da licença maternidade de minha mãe fiquei sob os cuidados do meu pai. Neste tempo meus irmãos já estavam em idade escolar, logo, a maior parte do tempo éramos eu e meu pai. Meu pai ainda não tinha terminado o Ensino Médio, então quando eu ainda era bebê de 10 meses a 1 ano, ele se matriculou na EJA para concluir os seus estudos. Da parte que me recordo, quando já desenvolvia minhas habilidades de psicomotricidade e pegava papéis, lápis, canetas e brincava de escrever meu pai vinha e colocava escrito em uma folha os nomes de todos de nossa casa na tentativa de me ensinar a escrever. Desde aqueles dias, eu já tentava escrever nossos nomes.

A minha outra memória afetiva era de ainda pela manhã ficar sentada à mesa desenhando e pintando enquanto assistia o Patati e Patatá dentre outros desenhos educativos (a escolha dos desenhos era de meu pai). Enquanto isso, meu pai preparava o almoço para mim e meus irmãos que estavam na escola. Nesse meio tempo ele me levava lanches e eu gostava muito quando fritava batatas para o almoço e me entregava uma porção ainda enquanto eu desenhava. Foi assim que batata frita se tornou meu alimento favorito.

É importante deixar registrado também que nesse mesmo período minha

mãe já me influenciava a ter o hábito de leitura. Por isso, todas as noites eu me

9

deitava na cama dos meus pais para ouvir ela ler alguma história, ou contar alguma história. Lembro-me de “Menina Bonita do Laço de Fita”, o conto do “Macaco e a Velha”, “A Joaninha”, alguns livros infantis da igreja que frequentamos como “A Luva Lulu”, “Pintinho Peralta” e “Jericó”. Assim passei a gostar de livros e histórias.

Em 2003 iniciei minha trajetória escolar na Educação Infantil em uma Escola Classe de Ceilândia. Tenho várias memórias e relatos desse tempo, mas vou me ater as seguintes lembranças: Ver o alfabeto colorido pendurado em cima do quadro negro. Ao aprendizado sobre os dias da semana, pois, a professora todas as manhãs fazia uma roda e nos perguntava que dia era aquele da semana. Meu desgosto por matemática desde aquele tempo, pois, me lembro que no jardim de infância a professora passou uma atividade iniciando conceitos básicos de soma e subtração e eu não estava entendendo de jeito nenhum a subtração, ela estava sentada em uma cadeira pequena como as nossas, recortando papel, então eu fui até ela para tentar entender. Mesmo explicando repetidas vezes ainda assim eu não entendi e desde então todo aprendizado sobre matemática é um fardo para mim.

E aqui vai o relato de uma criança que sempre teve poucos amigos. Bom, um dia no Jardim de Infância eu não levei lanche e sim dinheiro para comprar na cantina. No recreio fui até lá, comprei o que desejava comer e enquanto voltava para sala três crianças da minha turma me atacaram (não lembro se fiz algo antes desse momento para provocar o ataque). Eram duas meninas e um menino. As meninas seguraram cada uma um braço para que o menino pudesse me bater, eu consegui soltar uma de minhas mãos e para que o menino se afastasse de mim acabei arranhando seu rosto. Ao chegar na sala com o rosto arranhado, a professora perguntou ao menino o que tinha acontecido e ele disse que tinha sido eu. Não me lembro da professora conversar comigo sobre, apenas de falar com meu pai para cortar minhas unhas.

Após esse dia fiquei muito chateada com a escola, e desde então quis ir para a escola que meus irmãos estavam estudando, o Stella Maris, que fica no centro de Taguatinga. A maior motivação era ter a proteção de meus irmãos mais velhos e estar o tempo todo perto deles. Chorei, fiz birra e como bebê da casa meu pedido foi atendido. Em 2006 iniciei a primeira série do Ensino Fundamental em uma escola particular. Naquele tempo eu ainda não sabia ler e nem me lembro ao certo do

processo de alfabetização, mas me recordo que ainda naquele ano minha mãe me deu uma bíblia roxa e eu empolgada com o presente lembro-me de já conseguir ler.

Estudei nesta instituição por seis anos e foi a escola em que fiquei mais tempo. Da primeira série até o 8º ano. Quando eu estava indo para a segunda série a estrutura curricular mudou de séries para ano e a minha 2ª série se tornou o 3º ano. No início lembro que me pareceu confuso, estava eu pulando um ano? Mas logo entendi que era apenas uma mudança de nomenclatura (digo “apenas” pois era o que eu tinha entendido sobre o assunto enquanto uma criança de seus 7 para 8 anos).

Dos anos nesta escola tenho vários relatos também e vários professores marcantes, mas vou me ater a deixar registrado o 5º ano do Ensino Fundamental e o 8º ano do Ensino Fundamental. Bom, em 2009 eu estava no 5º ano no período matutino (sempre estudei pela manhã). Em março meus pais se separaram e isso mexeu em nossa rotina/estrutura familiar. Minha irmã mais velha precisou passar a fazer o almoço e ser responsável totalmente por mim e meu irmão enquanto minha mãe trabalhava. Por isso, passei para o turno vespertino junto com a minha irmã, mudei de sala, de professora, de colegas. Fui bem recebida pela professora Maria José e em meu coração guardo o afeto por ter conseguido me ensinar os temas necessários nesse período que foi delicado para mim. Desse tempo levei uma amiga para a vida, Isabelle. Contudo, ao final do ano, meus pais reataram o casamento.

No 8º ano, em 2012, meu irmão estava em seu último ano de escola e eu ainda era de poucos amigos. Gostava muito de ciências com a professora Luci, de artes com o professor Israel e história com o professor Rodrigo, mas meus problemas com matemática eram sérios, e, em meio a crises de adolescente, minhas notas em exatas eram péssimas, eu não gostava de fazer as atividades de português. Somado tudo isso ao fato de meu irmão sair da escola, a escola ser longe de casa, acabamos por me mudar de escola para uma terceira escola. Estava então no 9º ano. Fui bem recebida, reencontrei Isabelle com quem tinha perdido contato. Foi um excelente ano, pois descobri que tinha Déficit de Atenção e comecei a cuidar disso e me dedicar melhor aos estudos. Tive problemas familiares que acabaram por envolver a escola. tenho minhas queixas sobre o tema que é delicado

e não irei expor detalhes aqui, mas por fim concluí o ano bem e dei ingresso ao meu Ensino Médio.

Já no 1º ano do Ensino Médio eu estava decidida a cursar direito na Universidade de Brasília, então, me dedicava muito aos estudos. Fui chamada para ser representante de turma e também representante da ONU na Simulação das Nações Unidas. Diante de muito foco e muita pressão que eu fazia sobre mim, passei por uma situação em que uma professora chateada com a bagunça que a turma fazia jogou a situação para cima de mim “como representante e alguém que quer estudar o que você tem a falar para os seus colegas?” Na mesma hora fiquei muito mal porque os colegas já eram pouco amistosos comigo por ser representante e meio “nerd”. Senti como se ela estivesse colocando nos uns contra os outros. Tive uma forte crise de ansiedade. Eu não conseguia respirar. A escola ligou para a minha família, e meu irmão veio correndo para me levar ao hospital. Depois desse dia diversas foram as minhas crises de ansiedade e foi difícil aceitar meu quadro clínico. Nesse período eu conheci um rapaz da escola e começamos a namorar.

Terminei o primeiro ano e já no 2º ano ainda com crises existenciais e o quadro de ansiedade, meu namoro terminou porque eu não estava bem. E diante de tudo isso conversei com minha mãe que eu precisava recomeçar, expus todos os meus motivos e minha mãe me apoiou. Em maio de 2015 mudei de escola, deixando para trás amigas e o desejo de fazer direito. Comecei a terapia e decidi por cursar Pedagogia, desde esse tempo eu já tinha em mente o desejo pela Educação de Surdos, que eu não sei de onde veio, porém eu simplesmente queria isso.

Em meu último colégio minha trajetória foi leve. O ensino era de qualidade. Eles tinham como objetivo que os alunos entrassem em Universidades Públicas. Os professores buscavam ter relação de amizade com os alunos e os colegas eram em sua maioria tranquilos e pacíficos uns com os outros, cada um com seu grupo. Já no último ano do Ensino Médio conheci aquela que se tornou a minha melhor amiga, Nathália. Durante todo ano nos divertimos nas aulas, comemos muito, estudamos, e por fim nos formamos em dezembro.

No início de 2017 saiu o resultado do PAS (Programa de Avaliação Seriada) e eu ESTAVA DENTRO DAS VAGAS DE PEDAGOGIA! Fui chamada para o 2º

semestre de 2017. Nesses seis meses, fiquei cuidando do filho da minha amiga Amanda, o Thomaz, que é minha criança favorita. Adotei mais uma cachorrinha, a Maya, pois quando meus pais se separaram em 2009 minha mãe me deu a Pepita para me fazer companhia e hoje ela tem 13 anos.

Em agosto de 2017 iniciei meu sonho. Era maravilhoso cada aula, cada caminhada dentro do campus Darcy Ribeiro, cada descoberta universitária. Os dois primeiros semestres foram basicamente uma ambientação e conhecimento do que era o curso de Pedagogia. Lembro de ter participado de um evento da APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) no auditório Dois Candangos. Foi meu primeiro contato com a Educação Inclusiva na Universidade Brasília. Também no segundo semestre iniciei a matéria “Educando com Necessidades Educacionais Especiais” com a professora Fátima Vidal.

Já no terceiro semestre participei do encontro “A3M” sobre educação. No encontro conheci pela primeira vez a professora Edeilce Aparecida Santos Buzar que foi a responsável por me emergir na Educação de Surdos e comunidade surda. Comecei junto com ela o projeto 3.1 em que estudamos a fundo a perspectiva sociointeracionista de Vygotsky sobre a Educação de Surdos no Laboratório de Libras da Faculdade de Educação. Também fiz a matéria “Aprendizagem e desenvolvimento do PPNE” com a professora Edeilce. Foi nessa matéria que conheci a professora Liege que se tornou minha orientadora de TCC. Minha memória afetiva sobre este dia é ela apresentando para a turma seu livro infantil O Feijãozinho Surdo. Ainda nesse semestre participei do seminário de comemoração do primeiro ano do Labes-Libras, no qual fui monitora.

Vou abrir aqui uma via paralela para a vida pessoal. Neste ano, 2018, eu e Jonatha, que éramos amigos de igreja, nos tornamos namorados. Ele está estudando para concursos, já bem sucedido em alguns, sempre me ajuda nos meus estudos desde o início do nosso relacionamento.

Já no quarto semestre eu comecei meu primeiro estágio remunerado em uma escola particular no Plano Piloto. Guardo no coração minha primeira turma (que era de educação infantil/ ensino integral), minha primeira professora (que fui auxiliar de turma) e hoje amiga. O contrato era de 1 ano, porém, o primeiro contato com a escola fragilizou minha saúde. tive pneumonia e acabei por optar por trancar o

estágio em julho para me dedicar no próximo semestre a ficar bem de saúde e fazer meu curso com excelência.

E assim foi meu quinto semestre de UnB, novamente fui monitora do segundo aniversário do Labes-Libras. No projeto 3.2 montei um material didático para crianças surdas e devo destacar que a minha irmã mais velha também me ajudou nesse ponto virando madrugadora fazendo o trabalho comigo. Dou destaque à realização da matéria de Escolarização de Surdos e Libras com a professora Marcia Francisca, a qual aprofundei meu conhecimento da língua de sinais, por ser essa professora uma pessoa surda.

Em 2020, chegando no sexto semestre iniciei um novo estágio em outra escola particular do Plano Piloto, desta vez era Educação Infantil regular. Porém, em março de 2020 a pandemia do Novo Coronavírus chegou ao Brasil, justo na semana em que minhas aulas na faculdade iriam começar. O Distrito Federal inteiro entrou em Lockdown e meu estágio e semestre ficaram suspensos. Lembro-me de que as aulas retornaram de maneira remota já na segunda metade do ano de 2020.

Nesse mesmo período as escolas particulares do DF planejavam voltar. Entretanto, sem confirmações por parte da equipe pedagógica da escola e também com a reflexão que a pandemia trouxe sobre a imprevisibilidade da vida, do tempo que temos ser somente o agora, o desejo que eu e Jonatha tínhamos de casar cresceu e se tornou iminente. O Jonatha trabalhando como empreendedor e eu desempregada, fui em busca de um trabalho que pudesse ajudar a nos manter em casa. Com a pandemia e ainda cursando Pedagogia os trabalhos que eu fosse vir a conseguir não iriam ser suficientes para manter uma casa. Comecei a buscar emprego em outras áreas e assim comecei a trabalhar na Philip Morris Brasil, empresa de tabaco, a qual sou eternamente grata por uma primeira experiência de carteira assinada e em que conheci o mercado de trabalho, o mundo das ciências e tecnologia e principalmente uma equipe maravilhosa da qual fiz parte por 15 meses incríveis.

Sobre o curso de Pedagogia remoto preciso destacar que eu não adquiri capacidade em aprender como aprendia no Ensino Presencial, meu desempenho caiu, então preferi trancar as matérias que não conseguia absorver conteúdo do que fazer de qualquer maneira e concluir com alguma nota. porém. sem o conhecimento

necessário para ser uma boa profissional. Isso não tem a ver com os professores ou com a modalidade de Ensino Remoto. É o fato de uma pessoa com déficit de atenção que ainda não sabe como aprender com esse “novo” estilo de educação. No sétimo semestre ainda consegui cursar e aprender três disciplinas. Dou destaque a matéria de Educação Ambiental em que produzi junto a uma equipe na turma um podcast sobre a situação ambiental da região em que moro, Sobradinho - DF, em que animais silvestres aparecem em espaços urbanos. Demos a ele o nome de Puma Cast. O remoto também impactou nas atividades desenvolvidas pelo Labes-Libras espaço este que acolhe comunidade surda e ouvinte em interação acadêmica e durante este tempo seu seminário anual foi virtual e eu fui participante.

Abro o segundo parêntese para a vida pessoal, para dizer que em 2021 eu e Jonatha realizamos nosso sonho. Hoje estamos casados! Realizar um sonho em meio a uma situação tão delicada como a de uma pandemia em que vivemos foi desafiador, confuso, cheio de medos, mas realizamos e eu ainda estou como alguém que sonha!

Já no oitavo semestre escolhi continuar o curso para não atrasar tanto a formatura, mas fazer somente o projeto 4.1 que é o estágio obrigatório. Minha expectativa era de ser presencial, no entanto, a situação de pandemia não permitiu. Meu estágio remoto se resumiu em pesquisas e reuniões com a equipe da escola em que estagiei.

O último semestre em formato remoto foi o nono e foi um dos mais puxados para mim. Estava finalizando as matérias obrigatórias e escrevendo este trabalho. Além de estar trabalhando, peguei matérias que me solicitaram grande esforço e atenção, mas que consegui vencer.

Estou atualmente no décimo semestre. Apesar de a situação de pandemia ainda afetar todo o país, voltamos para ensino presencial, como diz Lenine: “a vida não para!” Portanto, estou me esforçando para aprender o melhor possível e me formar ainda nesse ano de 2022.

Como este é um memorial educativo, deixo aqui meu agradecimento a todos pedagogos, professores licenciados de matérias específicas, professores universitários, e em breve colegas de profissão. Vocês me inspiram! A profissional que me torno tem um pouco de cada um de vocês

que me temo tem um pouco de cada um de vocês.

15

Queria saudar aqui a memória de meu professor Thiago, professor de história e ensino religioso que me ensinou muito sobre a vida com canções e reflexões que trazia sempre em suas aulas. Thiago foi mais uma das vítimas da COVID, mas estará sempre vivo no coração de seus alunos e de sua família que tanto sente sua falta! E como em uma das canções que ele ensinou deixo aqui esta frase para ele e todos os mestres que marcaram a minha trajetória:

“Tua palavra, tua história

Tua verdade fazendo escola...

Só enquanto eu respirar

Vou me lembrar de você”.

- O Teatro Mágico

INTRODUÇÃO

Este é um trabalho de Conclusão de Curso na área de Pedagogia voltado especificamente para a Educação de Surdos e o mesmo segue o formato de artigo científico. Está composto por: memorial educativo – parte que visa apresentar a caminhada acadêmica e o conhecimento educacional da discente deste trabalho; metodologia – a qual situa o problema a ser pesquisado, o método de trabalho e objetivos de pesquisa sendo estes gerais e específicos; o primeiro tópico tem por finalidade situar a história da educação de surdos; o segundo tópico adentra as questões que envolvem a educação de surdos como a língua e a escola; já o terceiro tópico contextualiza o que foi a pandemia de COVID 19 para a educação no Distrito Federal; enquanto o quarto tópico é a análise de estágio realizado em uma escola pública do DF envolto da surdez, após é apresentado as conclusões sobre os estudos realizados neste trabalho e é finalizado com as perspectivas futuras.

A história da educação de surdos é apresentada neste trabalho mostrando desde a antiguidade, os primeiros relatos dos surdos na sociedade, perpassando todo o período histórico vivido até a atualidade. Já o tópico seguinte vem mostrando como atualmente está sendo tratado a língua do surdo e o português dentro da escola e demais questões que envolvem a educação do sujeito surdo. Após é relatado brevemente a contextualização de pandemia vivida nos anos de 2020 e 2021 e como isso perpassou a educação do mundo, do Brasil e principalmente, em questão, o Distrito Federal.

METODOLOGIA

No centro deste trabalho está a apresentação dos detalhes envolvidos do estágio realizado ainda durante a pandemia, análise do PPP de uma escola inclusiva com surdos do DF entrevista com uma profissionalmente que atua

inclusiva com surdos do DF, entrevista com uma professora/interprete que atuou

17

com estudantes surdos durante a pandemia, e também as reflexões e conclusões que envolvem o trabalho com os surdos em tempos remoto/híbrido.

Realizo neste trabalho um estudo bibliográfico com base no livro Cultura Surda e Libras de Maura Corcini Lopes e colaboradores. Publicado em 2012 pela Editora Unisinos. E também uma análise sobre o estágio obrigatório supervisionado 4.1 realizado em escola pública do Distrito Federal durante a pandemia da COVID-19 em 2021. O nome da escola e local específico será preservado por questões éticas.

Tratando-se assim de uma pesquisa qualitativa, pois, segundo Flick (2004, 2009) os métodos qualitativos consistem na análise de diferentes perspectivas, na reflexão dos pesquisadores, onde seus sentimentos, suas impressões vão constituir na interpretação da pesquisa.

Logo, este trabalho tem como tema **A Aprendizagem de Alunos Surdos Durante a Pandemia de Covid-19.**

E como problema de pesquisa, **Como se deu a aprendizagem de alunos surdos durante a pandemia em uma escola pública do DF?**

Como objetivo geral, **compreender o ensino e aprendizagem dos surdos durante a pandemia em uma escola do DF.**

E com os seguintes objetivos específicos:

1. Compreender o processo de ensino- aprendizagem dos surdos em uma escola pública do DF durante a pandemia;
2. Analisar as observações durante a prática de estágio obrigatório durante a pandemia.

TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Este capítulo é resultado da matéria realizada na Faculdade de Educação, feita na disciplina de História da Educação, teve como objetivo conhecer e aprofundar-se na história da educação de surdos. Para tal foi utilizado diversos

materiais, como: Karin Strobel - História da educação de surdos (2009); Karin Lilian Strobel- A visão histórica da in(ex)clusão dos surdos nas escolas (2006); Vanessa de Oliveira Carvalho (UFPB)- A história de educação dos surdos: o processo educacional inclusivo (2015); Ananda dos Santos Carvalho- Educação inclusiva: Práticas docentes frente à deficiência auditiva (2017). Materiais estes que foram utilizados após pesquisa bibliográfica realizada para desenvolver o trabalho proposto pelo professor.

Antiguidade

No período antes de Cristo romanos e gregos acreditavam que surdos não eram humanos dando base explicativa para a escravidão. Aristóteles defendia que a linguagem era o principal sentido para a inteligência, se não ouviam, não falavam, não eram inteligentes, não eram humanos. Também prezavam pela perfeição do físico, por este motivo sacrificavam as crianças que nasciam com alguma deficiência, mas pelo fato da surdez ser difícil de identificar no nascimento, com os surdos funcionou um pouco diferente.

Em Roma, eles eram colocados na base de uma estátua nas praças principais e então devorados pelos cães. Por este motivo muitos historiadores pensaram que certamente às crianças surdas não se desse tal destinação dado que, seguramente, mesmo hoje é muito difícil fazer um diagnóstico precoce da surdez. Radutzky (1992, p.11)

Muitas foram as violências cometidas nesse período contra os surdos, não somente dos gregos e romanos, mas de tantos outros povos. É importante ressaltar que esses fatos não se davam exclusivamente por maldade, mas por uma questão cultural e de pensamento, que muitas culturas possuem práticas que moralmente não são compreendidas até a atualidade, mas que devem ser respeitadas.

Idade Média

Durante a idade média, a crença era que, por terem cometido algum pecado

os surdos ou seus pais eram castigados. Porém, enquanto isso, nos mosteiros

19

surgia a prática do monasticismo, ou seja, o voto do silêncio com a finalidade de purificação. Então, para que o voto se cumprisse, as comunidades monásticas e/ou beneditinas criaram uma comunicação gestual simples.

Não davam tratamento digno aos surdos, colocava-os em imensa fogueira. Os surdos eram sujeitos estranhos e objetos de curiosidades da sociedade. Aos surdos eram proibidos de receberem a comunhão porque eram incapazes de confessar seus pecados, também haviam decretos bíblicos contra o casamento de duas pessoas surdas só sendo permitido aqueles que recebiam favor do Papa. Também existiam leis que proibiam os surdos de receberem heranças, de votar e enfim, de todos os direitos como cidadãos. Strobel (2009, p. 19)

Os surdos eram então marginalizados, vivendo em precariedade, não tinham acesso ao ensino, logo concluímos que até a idade média (476 d.C - 1492, século XV) pouco se fez para que existisse a educação para os surdos.

Idade Moderna

O médico Gerolamo Cardano (1501 - 1576), foi um dos primeiros a desconstruir esse pensamento de desumanização do surdo, acreditando que a surdez era mais uma dificuldade do que uma condição mental. Em sua fala diz que: “a Surdez não prejudicava a aprendizagem, uma vez que os surdos poderiam aprender a escrever e assim expressarem seus sentimentos” (JANNUZI, 2004, p. 31).

Além de Cardano, também no período do século XVI, outra figura importante foi o Pedro Ponce de Leon (1520 - 1584), espanhol e monge beneditino. Tinha como método a datilologia, escrita e fala, ensinava física, astronomia e línguas. Marca-se com ele o início do oralismo e tinha o interesse das famílias nobres em que seus filhos surdos pudessem receber as suas heranças, ou seja, a educação para os surdos naquela época era elitizada.

Seu trabalho não apenas influenciou os métodos de ensino para surdos no decorrer dos tempos, como também demonstrou que eram falsos os argumentos médicos e filosóficos e as crenças religiosas da época sobre a incapacidade dos surdos para o desenvolvimento da linguagem e, portanto, para toda e qualquer aprendizagem (LODI, 2005, p. 411).

O trabalho do monge foi importante, pois, através dele se reconheceu a capacidade de aprendizagem que os surdos possuem, pois nenhuma diferença há na capacidade de aprender de uma criança ouvinte para uma criança surda, a diferença está em como se irá aprender.

Juan Pablo Bonet, padre espanhol e educador, foi um dos maiores defensores da metodologia oralista, fazia uso da fonoaudiologia para ensinar, também é o autor do livro Redução das Letras e Arte de Ensinar a Falar aos Mudos em que mostrou pela primeira vez o alfabeto por meio dos gestos.

Já no século XVII dois destaques na educação dos surdos foram John Wallis e John Bulwer. Wallis era educador e primeiramente tentou a técnica oralista, mas percebendo que era falha passou a utilizar a escrita e os gestos para ensinar. Já Bulwer era médico e estudando a respeito dos surdos reconheceu a importância da língua de sinais para a aprendizagem.

Portanto, na idade moderna foi que surgiram as duas vertentes pedagógicas: o oralismo e a língua de sinais.

Idade Contemporânea

Durante o século XVIII o abade Charles-Michel de L'Épée, educador, francês, criou o Instituto de Surdos-Mudos em Paris sendo esta a primeira escola para surdos, reconheceu a língua dos surdos. O abade teve auxílio público para a escola e ensinou aos professores franceses e europeus. Já nos Estados Unidos da América, no século seguinte, surgiu a primeira universidade para surdos, a Gallaudet University, era oralista, objetivava ensinar o surdo a escrever e a falar.

Em 1880 ocorreu o congresso de Milão que é um marco na educação dos surdos, pois a precarizou. No congresso foi decidido pelo método oralista puro em todo mundo, sendo proibido o uso da língua de sinais, no congresso tinha apenas um surdo e a decisão foi tomada sem que este fosse consultado. Sobre a falha do oralismo e como se dá a educação de surdos depois disso, há uma fala pertinente e reflexiva:

Somente em 1960 em que estudiosos, psicólogos e historiadores despertaram para o fracasso do oralismo, e logo foi criado a metodologia da comunicação total (sinais, leitura labial e fala). Atualmente é adotado o bilinguismo, a língua de sinais como primeira língua e língua da comunidade local como segunda língua (Chung Ting Chih, 2013, s/n).

Esse tempo da história, mesmo com os 100 anos de proibição da língua de sinais, é o tempo em que mais criaram escolas para surdos, se discutiu sobre, mesmo que não levando em conta a opinião dos surdos, ou seja, foi finalmente um real começo que vem crescendo até os dias atuais.

Educação de surdos no Brasil

A educação de surdos no Brasil, se iniciou no século XIX por interesses da elite, Dom Pedro II tinha um neto surdo e por esta razão convidou o professor francês Ernest Huet para ensinar seu neto e mais algumas crianças. O professor trouxe consigo a língua de sinais francesa e por meio desta se criou a língua de sinais brasileira (Libras). Huet também é responsável pela fundação do Colégio Nacional para Surdos-Mudos no Rio de Janeiro que atualmente é conhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

O INES é reconhecido nacionalmente ainda hoje, pois culturalmente foi disseminado que apenas ele era capaz de acolher e ensinar os surdos, o instituto fala de sua importante atuação na sociedade brasileira assim:

O INES atende em torno de 600 alunos, da Educação Infantil até o Ensino Médio. A arte e o esporte completam o atendimento diferenciado do INES aos seus alunos. O ensino profissionalizante e os estágios remunerados ajudam a inserir o surdo no mercado de trabalho. (INES, 2022).

Vale destacar também que ainda neste período foi lançado o primeiro livro escrito por um surdo no Brasil: “Em 1875 Um ex-aluno do INES, Flausino José da Gama, aos 18 anos, publicou “Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos”, o primeiro dicionário de língua de sinais no Brasil” (Strobel, 2009, p.26).

Em suma, o Brasil foi adotante das práticas oralistas durante muito tempo. Só na década de 70 que se começou o estímulo precoce de bebês e também a

especializar os professores para a necessidade desses alunos, além da criação de novos institutos para surdos.

A educação de surdos na atualidade

Nos dias de hoje o debate está envolto sobre a inclusão e exclusão dos mesmos, além, claro, da importância do ensino bilíngue. Fala-se sobre em que tipo de escolas os surdos estão melhor incluídos na sociedade, é melhor que estejam em escolas bilíngues e que aprendam na língua de sinais ou que estejam em escolas regulares acompanhados por intérpretes?

Alguns posicionamentos sobre o assunto valem o destaque, a fim de que se reflita que tipo de educação está se dando às crianças e se estamos construindo uma sociedade livre, justa e solidária como pretende a constituição.

Excluídos durante muito tempo do processo educativo tradicional, eles começaram, nos últimos anos, a compartilhar as salas com ouvintes em algumas escolas do País. Contudo, a existência de classes mistas, vista como alternativa para integrar crianças e jovens surdos à comunidade, nem sempre funciona. Há relatos negativos, de alunos desmotivados, com dificuldade de aprendizagem e inseridos em ambientes sem infraestrutura adequada (Terra, 2012).

O que leva os professores a estarem atentos à situação atual educacional das escolas, dos alunos e também suas próprias posturas frente à educação e a deficiência. Os relatos não são dos melhores, mas enquanto profissionais é necessário pensar em como reverter esta situação e proporcionar qualidade no ensino e na educação.

ADENTRANDO AS QUESTÕES DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Adentrar aos conflitos que englobam a educação dos sujeitos surdos requer falar sobre a língua do sujeito do surdo, sobre como se constitui a escola que frequenta, já que essa constituição afeta diretamente em seu processo de desenvolvimento educacional, social e linguístico.

Paulo Freire afirma que “a educação formal da criança e do adulto surdo atravessa hoje um momento crítico, já que incontestavelmente muitos desses aprendizes estão atrasados em sua escolaridade” (Freire, 1999, p. 25). Requer de todos nós interessados nessa educação o questionamento: o que nos leva a esse atraso e quais as medidas necessárias para extinguir essa problemática?

Em partes podemos observar que recai sobre o educador o atraso. Wrigley (1996) traz que o sujeito surdo é visto no campo escolar como cognitivamente incapaz de alcançar com pleno êxito os domínios da leitura e da escrita. E tendo eu vivenciado a Universidade ao longo desses anos, tendo contato com a cultura surda academicamente, posso dizer que isso é uma falácia, mas está para além de mim. Os surdos estão em nossa sociedade e apesar de todas as dificuldades existem grandes personalidades surdas para deixar evidente ao mundo ouvinte que eles são plenamente capazes de dominar a escrita e a leitura.

Então qual a maneira ideal de alfabetizar a pessoa surda? O ideal é que a pessoa surda tenha como primeira língua (L1) a Língua de Sinais, no caso do Brasil é a Libras. E partir desta, que seja ensinada a modalidade escrita do português, levando em conta o papel social da língua e o uso dela na comunidade surda. Estudos citados por Botelho (1998) mostram que crianças crescidas com a Língua de Sinais desde muito cedo tendem a ter um desempenho melhor em todas as áreas acadêmicas em relação aquelas que não tiveram acesso a mesma desde o primeiro ano de vida.

Giordani (2012) traz para o debate as práticas de letramento e a sua significação na educação de surdos. Evidenciando para nós educadores aquilo que enquanto escolas, muitas vezes, não levamos em consideração ao pensar uma educação de qualidade para a comunidade surda:

O não acesso à língua de sinais desde o nascimento, as histórias de vida dos surdos, as experiências das escolas oralistas, as não experiências escolares e as descobertas da identidade são elementos, maioria das vezes, desconsiderados pela escola. Poder-se-ia dizer que o não reconhecimento destes elementos no contexto escolar se mantém na formatação do “conteúdo obrigatório” das séries e níveis escolares. E, neste contexto, a língua escrita perde seu significado na prática social do cotidiano. (2012, p. 118)

Esse é o contexto que enquanto educadores devemos repensar nossas práticas e métodos educacionais, pois somente considerando a trajetória educacional de nossos alunos poderemos enfim, seguir adiante com o ensino e aprendizagem que de fato irá os constituir enquanto pessoas.

Repensar a educação dos surdos tendo em vista a sua história é importante para não reproduzirmos aquilo que por vezes aconteceu em nossa sociedade escolar, a cultura ouvinte se impondo sobre a cultura surda. Giordani (2012, p 109) afirma que “a escola que vira as costas para a história reproduz a normativa homogeneizadora, legitimando, nesse processo, a cultura e língua do professor ouvinte”.

Giordani (2012, p. 133) ainda traz que: “os surdos têm incomodado a escola, perturbam ao reclamarem para si, na qual a língua de sinais, língua de sua comunidade seja a língua da escola”. Ou seja, aqui temos dois pontos: 1) Uma escola feita e adequada para os alunos surdos. 2) Uma escola que tenha como primeira língua, a Língua de Sinais, no caso do Brasil a Libras.

Outro ponto que perpassa esta educação, é qual escrita? Aprender o português escrito ou a Língua de Sinais escrita? Ambos são importantes para a formação do sujeito, mas como adequar esses ensinamentos à realidade dos alunos? Lodi; Harrison; Campos (2002) relatam que a escrita é compreendida e pensada segundo os usos, as necessidades e particularidades de cada grupo social. Ou seja, podemos concluir que não seria diferente para os surdos, suas escritas devem ser pensadas segundo suas necessidades.

No Brasil, não há nenhuma escola para surdos que tenha escrita de língua de sinais em seu currículo. Algumas escolas incluíram no currículo a língua de sinais em sua modalidade gestual, na maioria das vezes com carga horária inferior às demais disciplinas e com programas de inserção de língua para aquisição de vocabulários, desconsiderando as aprendizagens da gramática, semântica pragmática, sintaxe, instrumental indispensável ao considerar a importância de uma língua. (Giordani, 2012, p. 131,)

Com esse texto venho trazer a nós, educadores, a necessidade de pensarmos uma educação e com ela um Projeto Pedagógico que realmente seja feito por toda comunidade escolar, ou seja, que escute e que introduza as demandas dos sujeitos surdos, de sua família e da sociedade que os envolve.

Passamos, então, ao ponto que segundo Skliar (1998, p. 13) precisamos “entender a surdez e o surdo a partir da diferença. O que significa uma inversão do olhar pela exclusão e isolamento no mundo do silêncio, passando a entender como uma experiência e representação visual”. Já Giordani (2012, p. 113) traz a parte de elaboração de proposta pedagógica: “é preciso discutir as formas como os surdos são inventados e representados, **entendendo a surdez a partir da concepção da pedagogia da diferença**”.

Chiella (2012) traz como proposta a maneira de se estabelecer estratégias para o ensino de qualidade:

Bem, compreendendo as diferenças das identidades culturais, fica claro que é fundamental refletir sobre os surdos, não na comparação com o ouvinte, mas na relação com o próprio surdo. Tendo o próprio surdo como um referente cultural, olho-o como sendo o outro do surdo e abandono a comparação binária surdo X ouvinte. Essa pode ser uma das maneiras de guiarmos outras formas de olhar e de escrever a história a partir da diferença surda. (p. 191)

Entendo, então, que é necessário olhar o surdo em relação com os surdos, tendo o referencial cultural dos surdos. É levar em consideração o teatro surdo, a comédia surda, a apropriação da Libras com suas regionalidades e gírias, o relacionamento entre os surdos, para então se pensar uma educação para surdos.

O ENSINO REMOTO NAS ESCOLAS PÚBLICAS ENTRE 2020 E 2021 NO DISTRITO FEDERAL

O presente tópico visa contextualizar o momento pandêmico vivido e a maneira que o ensino remoto com os surdos foi tratado pela Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF).

Em momentos finais do ano de 2019 o mundo tomou conhecimento de uma epidemia que atingia regiões da China, conhecida como COVID-19. Rapidamente a doença foi se espalhando por outros países e continentes e em março de 2020 foi decretado como Pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS). A partir de

então, medidas de isolamento social foram tomadas com a finalidade de preservação da saúde e diminuição do contágio.

Como ficou o ensino das escolas durante esse tempo? Primeiramente houve uma suspensão das aulas, imaginando-se que em breve poderíamos retornar às aulas. Porém, o retorno não foi como imaginado, ou seja, presencial. Como a situação era grave, tivemos que nos adaptar. Então em julho de 2020 as aulas foram retomadas de maneira totalmente remota pelo Governo do Distrito Federal.

Considerando que ainda não é possível determinar uma data para o retorno às atividades presenciais, e que tal decisão depende de estudos dos órgãos como Secretaria de Estado da Saúde, como referendo de outros organismos responsáveis pelo combate/mitigação ao novo coronavírus, retornaremos com as atividades não presenciais em 13 de julho de 2020. Diante deste cenário, a Rede Pública de Ensino do Distrito Federal vem propor atividades no sentido de oportunizar as aprendizagens no limite daquilo que as circunstâncias local e mundial impõem, considerando as eventuais perdas que os estudantes teriam sem a mediação presencial do professor. (Orientações à Rede Pública de Ensino Para o Registro das Atividades Pedagógicas Não Presenciais - SEEDF, 2020)

Já ao final do ano de 2020 houve um decreto possibilitando o retorno gradual das aulas presenciais, e assim dando espaço para o ensino híbrido. Que é citado em cartilha feita pelo Conselho de Educação do Distrito Federal:

O ensino híbrido é uma combinação metodológica, o qual inclui atividades nas formas presenciais e remotas, respeitando as especificidades das áreas de conhecimento e dos componentes curriculares, articulando os espaços, tempos e recursos próprios de cada organização pedagógica. O ensino remoto é uma abordagem pedagógica, autorizada de maneira excepcional na Educação Básica, no atual contexto de pandemia. Atualmente, com o retorno das atividades presenciais, podem ser desenvolvidas, concomitantemente, práticas presenciais e remotas, com o intuito de estimular as interações sociais e culturais e possibilitar o respeito à escolha aos pais e/ou responsáveis quanto ao encaminhamento dos estudantes à instituição educacional, nos termos da Recomendação nº 2/2020 - CEDF. (FAQ - Conselho de Educação do Distrito Federal. Dezembro de 2020. p. 6)

Podemos observar então que os anos de 2020 e 2021 trouxeram situações atípicas para o contexto educacional do Distrito Federal e incluídos nesta temática está também a educação inclusiva e a educação de surdos. Como foram tratados? Como foi o ensino nesses tempos para esta comunidade em específico? São as perguntas que vamos analisar.

A EDUCAÇÃO DE SURDOS EM ESCOLA NO DISTRITO FEDERAL DURANTE A PANDEMIA

Tal capítulo visa documentar a experiência do estágio durante o primeiro semestre de 2021 realizado entre agosto e novembro do mesmo ano. Para tal, primeiramente vou fazer um breve registro deste. Adiante colocarei recortes de análise do Projeto Político Pedagógico da mesma. Finalizando com relatos sobre a pesquisa de campo realizada com a professora da instituição durante o meu estágio obrigatório.

Devido a pandemia o estágio ocorreu de maneira remota, neste sentido as atividades de estágio se limitaram a: estudo do projeto político pedagógico, análise das atividades aplicadas aos educandos, reuniões com a equipe escolar e pesquisa semiestruturada realizada com a professora.

Portanto, deixarei aqui alguns trechos de análise do PPP para contextualização de como foi pensado o ensino naquele ano para aquela comunidade escolar.

Ao apresentar o texto os autores colocam que o objetivo é apresentar as ações propostas para o ano, as ações administrativas e financeiras. Relata que o texto foi construído em coletivo, inclusive contando com a visão dos pais dos alunos através de questionários, e salienta que o plano de ação orienta o trabalho escolar. Afirmando desde aqui que o texto em si realmente está pautado nesta perspectiva e para além disso, traz as adaptações necessárias para o cenário pandêmico em que Brasil e mundo se encontraram e ainda se encontra entre 2020 e 2021.

Com relação a historicidade, o texto relata a condição da Região Administrativa, que é uma população majoritária de baixa renda, que a região possui poucas escolas e que a maior parte dos alunos vive em contexto de violência, ou seja, a escola tem o desafio de criar caminhos alternativos para evitar a violência para os seus alunos.

Além disso, eu pensava que a escola, sendo inclusiva, os alunos com deficiência participavam das classes regulares, mas, ao contrário, o texto relata ter

03 classes especiais. E entro em questionamento comigo mesma se este é um ato

28

de inclusão ou segregação, pois, por um lado os alunos com deficiência estão inseridos em uma escola regular, e por outro estão em turmas separadas dos demais, e isso com que justificativa? Seria para melhor atender às suas necessidades? Acredito que faltou no texto uma explicação a esse respeito. Para além disto, a escola conta com 3 classes bilíngues e relata precisar de uma Equipe de Apoio à Aprendizagem e que os mesmos não têm essa equipe.

Vale ainda o destaque que com a pandemia as reuniões de pais foram virtuais e nem todos os pais e responsáveis participaram, a baixa participação já era um cenário antes da pandemia, mas creio que se tornou mais problemática em 2021 já que o contato do aluno com o professor foi reduzido, ou seja, existem pontos do ensino, aprendizagem e desenvolvimento que poderiam estar passando despercebidos. E para este cenário em que os alunos têm dificuldade de se desenvolver, a escola trouxe o Projeto Interativo – em que o aluno tem atendimento individualizado para alcançar aquilo que se espera de seu desenvolvimento.

Sobre a função social da escola dei destaque que os autores colocam como função garantir a aprendizagem, conhecimentos e habilidades. E que com a pandemia eles consideraram estar dentro das casas das famílias. A maioria dos alunos são de baixa renda e não tem acesso à tecnologia e isso é comprovado mais à frente no texto (quando falam de projeto realizado em 2020/2021) pois a maior parte dos alunos (503) estavam apenas com material impresso e a minoria fazendo uso da Plataforma Escola em Casa DF (202 alunos no total).

Para além do retorno que se iniciou em março de maneira remota e que posteriormente se tornou em ensino híbrido (uma semana na escola presencialmente e outra com atividades em casa), do quantitativo de alunos com atividades impressas e em plataforma, os alunos também contaram com o suporte por meio do WhatsApp, vídeo chamada, Google Meet, material e reagrupamento intraclasse.

A pesquisa realizada teve como objetivo entender o contexto escolar vivido pelos alunos surdos, a relação entre professor aluno e a situação de aprendizagem dos mesmos. Para tal, foram elaboradas dez perguntas.

A entrevista foi realizada por chamada de vídeo, a entrevista era com uma professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal há 14 anos, e naquele momento atuava como professora intérprete de Libras.

As perguntas para compreender o contexto escolar dos alunos surdos foram as seguintes:

1. Seus alunos surdos iniciaram a escolarização na Educação Infantil ou vieram direto para o Ensino Fundamental?
2. As crianças surdas são fluentes em Libras? Qual é a média de tempo para ficar fluente?
3. Existe algum tipo de reforço para aprendizagem da Libras?
4. Você acompanha os alunos ao longo dos anos ou se mantém em uma série escolar?

Sobre o início da escolarização das crianças, a professora relatou que: “esse é um problema, pois, os pais costumam descobrir a surdez das crianças quando elas têm 1 ou 2 anos, e primeiramente eles preferem oralizar as crianças. Logo, eles demoram para matricular as crianças nas escolas”.

Sobre a fluência na Língua de Sinais foi dito o seguinte: “Não são. Justamente pela questão anterior, com pais ouvintes tentando oralizar seus filhos, eles chegam na escola sem conhecer a Libras e por isso o tempo para ficar fluente depende do contato da criança com a comunidade surda”.

Posso perceber que a oralização é um modelo histórico que se mantém até a atualidade. Considero entristecedor saber que crianças surdas estão neste momento dedicando suas infâncias em clínicas fonoaudiológicas e médicos. Estas mesmas crianças poderiam estar se apropriando da Língua de Sinais e convivendo em espaços educativos dando a elas o poder de viverem sua cidadania e seus direitos. Vejo através da fala acima que mesmo tendo avançado muito na luta pelos direitos dos surdos, há ainda mais coisas as quais os surdos e principalmente as crianças surdas anseiam conquistar, tal é o caso de sua educação e aprendizado na sua língua.

Quanto ao reforço para aprendizagem da Língua de Sinais, foi dito que este

serviço e oferecido pela escola na sala de apoio. A professora também relatou que:

30

“por tempos ela acompanhou alguns alunos em seus anos escolares, mas atualmente se mantém em um ano e os alunos dão prosseguimento com outros professores”.

Para mim, aqui seria um tema de aprofundamento posterior, pois, até que ponto um pedagogo deve acompanhar o aprendizado e desenvolvimento de um aluno? Isso restringe a sua autonomia ou concede a ele uma maior rede de apoio em seu caminho de aprendizagem e descobertas? E todas estas perguntas considerando os educandos surdos.

As perguntas que tinham por objetivo averiguar a relação entre aluno surdo e professor eram:

1. Você tem contato com os alunos ouvintes? Faz ponte na relação entre surdos e ouvintes?
2. Você é participante da comunidade surda? Como suas interações sociais impactam no contato com os alunos surdos em sala de aula?

Sobre a questão da interação de surdos e ouvintes junto a professora foi falado que adora ensinar Libras para as crianças ouvintes. Que as mesmas têm muito interesse na língua e que sabem fazer a datilologia de seus nomes.

É interessante observar que esta fala reflete em muito o que teorizou Giordani (2012, p 113) que “na elaboração de propostas educacionais é necessário entender a surdez a partir da concepção da pedagogia da diferença”. Vejo que a professora tem entendimento da surdez desta forma e que tem buscado trabalhar mesmo que em pequenos passos a socialização dos surdos com ouvintes, trazendo para o espaço educativo a conscientização comunitária acerca da surdez.

Já sobre sua participação na comunidade surda a professora relata sair com seus ex-alunos e orientar os pais de seus atuais alunos a inseri-los na comunidade surda e os ensinar a LS.

Contexto este que é tão importante e primordial. Enquanto professor ouvinte que se propõe atuar na educação de surdos é necessário se imergir na cultura surda através do contato com os alunos e também com toda comunidade surda.

Finalizamos então, com o objetivo de compreender a situação de aprendizagem desses alunos, para o qual elaborei as seguintes perguntas:

1. Você por vezes precisa auxiliar no aprendizado dos alunos surdos?
2. Quando o aluno falta qual o procedimento do professor para que ele não seja prejudicado no aprendizado?
3. Tem alunos que possuem outras deficiências somadas à surdez? Como você descreveria o aprendizado desses alunos?
4. Ao final do ano letivo você consegue perceber nitidamente a evolução do seu aluno?

Para a questão do auxílio no aprendizado foi dito: “Sim, principalmente durante a pandemia, a realidade foi de ajudar os alunos nas questões escolares”.

A professora conta que quanto a questão da falta e a aprendizagem do conteúdo passado, as professoras tentam posteriormente reservar um momento para explicar para o faltante o conteúdo ministrado.

Sobre os alunos terem outras deficiências além da surdez foi exposto o seguinte: “pode ser que tenha, porém, os alunos não são laudados, pois, os pais não buscam ajuda. O aprendizado deles é básico, pois eles não conseguem reter o conteúdo”.

Sobre a condição de aprendizagem ao final de um ano letivo foi dito que: “devido ao atendimento diário consegue identificar o nível de evolução do aluno e junto com a professora regente avalia se o aluno está apto para o próximo ano e tendo como parâmetro a Libras como L1 e o português escrito como L2”.

Skilar (1998) cita o atraso dos aprendizes surdos em sua escolaridade, este fato se relaciona em muito com suas aquisições linguísticas (Libras e português). É interessante esta reflexão pegando o exemplo desta escola, em que os alunos de fato são avaliados com base no seu aprendizado das línguas para darem continuidade em sua formação na educação básica. E penso em como isso se relaciona com as demais questões, a necessidade do olhar do professor a partir da pedagogia da diferença para entender os educandos a partir de seus

conhecimentos, do que é possível, um olhar atento se existe outras deficiências ou

32

não, um olhar atento ao entendimento dos assuntos por parte dos alunos, um olhar atento também às faltas para que não se tenha maiores prejuízos em sua educação. Tornando assim maior a possibilidade de uma educação de qualidade.

E observamos também os impactos da pandemia com a fala da professora ao dizer que, principalmente com a pandemia, ela precisou ajudar com as aprendizagens, tirar dúvidas e etc. Pois, com o ensino híbrido em que parte do tempo as atividades eram feitas em casa sem o apoio do professor e esclarecimentos, com certeza surgiram muitas questões que precisam ser esclarecidas e que devido ao cenário sanitário trouxeram transtornos à educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não podemos contestar que houve avanços na educação dos surdos durante os séculos. Porém, evidencia-se tanto na teoria quanto na prática que ainda são necessárias mudanças e ajustes. Podemos perceber que crianças surdas pulam a educação infantil, por vezes estão em turmas regulares e outras em classes especiais. Além disso, precisa objetivar e definir sobre seu acesso a língua e sua fluência na mesma.

Já adentrando aquilo que de fato esse trabalho visa analisar, a educação dos surdos em tempos de pandemia, concluo que apesar de a escola se dispor durante este período para que os alunos surdos continuassem aprendendo, a distância física impactou neste aprendizado, pois, os alunos precisavam lidar com seu material impresso, nem todos tinham acesso à tecnologia para se comunicar com professores, além de por um tempo não frequentarem a sala de apoio visto que as aulas eram totalmente remotas, ou seja, não tinham apoio na aprendizagem da LS.

Vejo que o estudo bibliográfico adotado tem como perspectiva uma educação de surdos que seja capaz de fornecer a educação de qualidade a qual faz jus na Constituição brasileira. Autoras como Giordani e Chiella (2012) explicam não somente como se encontra a educação de surdos mas onde se deseja chegar, relatam a maneira correta de se pensar como educador frente a essa comunidade e

também as questões culturais que perpassam essa educação.

33

Finalizo esse trabalho não com uma conclusão mas com uma indagação que deve permanecer na mente daqueles que estão a frente da educação da comunidade surda, frase dita por Giordani:

Se a escola é a instituição privilegiada da transmissão de saberes escritos e se os surdos não usam a língua escrita de sinais, também é porque a escola ainda não promoveu seu encontro e segue usando o catálogo para ensinar uma língua com marcas da oralidade em tempos que, nos documentos, a escola se propõe na diferença (2012, p. 132)

Logo, enquanto escola é necessário cumprir aquilo que os documentos propõem. É proporcionar ao surdo seu encontro com a língua dos surdos. Essa é a indagação! A educação que proporcionamos está de acordo com os documentos? A educação de surdos que temos é de qualidade?

Também é importante ressaltar que este trabalho não conclui totalmente os impactos da pandemia para a educação de surdos e que estes impactos poderão ser melhor analisados em estudos posteriores devido sua complexidade e também o passar do momento vivido para então estudo mais esquematizado inclusive considerando outros aspectos como o emocional e social.

PERSPECTIVAS FUTURAS

Finalizada esta etapa tão importante para o meu desenvolvimento pessoal e profissional tenho alguns planos. Primeiramente academicamente penso em dar prosseguimento em minha formação com uma pós-graduação na área da psicologia. Busco a partir de então adentrar em novas paixões profissionais que conheci durante estes anos de graduação e para a qual me dedicarei através de concursos públicos. Ainda irei cursar Libras e atuar na área como um gosto pessoal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Ananda dos Santos. **Educação Inclusiva: Práticas Docentes Frente À Deficiência Auditiva**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. Guarulhos - SP.

Comunidade Surda: A importância da Inserção da Libras na sociedade Brasileira. *In:* Web Artigos. Brasil, 2010. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/comunidade-surda-a-importancia-da-insercao-d-a-libras-na-sociedade-brasileira/31988/#ixzz5KEme7b44>. Acesso em 23 de set de 2022.

Conheça o INES. *In:* Gov.br. Disponível em: <http://www.ines.gov.br/conheca-o-ines>. Acesso em 19 de set. 2022.

Educação de Surdos. *In:* Vendo Vozes. Brasil, 2011. Disponível em: <https://vendovozes.webnode.pt/educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20surdos/>

Educação De Surdos Em Escolas Tradicionais Ainda É Desafio No Brasil. *In:* Terra. Brasil, 2012. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/educacao-de-surdos-em-escolas-tradicionais-ainda-e-desafio-no-brasil,20f942ba7d2da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em 19 de set. 2022.

FAQ - Conselho de Educação do Distrito Federal. Pandemia de COVID-19. Disponível em: <http://cedf.se.df.gov.br/images/FAQ.versao7.pdf>. Acesso em 19 de set. 2022.

Histórico da Educação de Surdos. *In:* Web Artigos. Brasil, 2008. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/historico-da-educacao-dos-surdos/3639>. Acesso em: 23 de set de 2022.

LOPES, M. C. **Cultura Surda e Libras** - Editora Unisinos, 2012. 283p.

MORAIS, Vanessa Oliveira Carvalho. . **A História de Educação de Surdos: O Processo Educacional Inclusivo**. 2012- 2015. 13 f. Artigo Científico. Graduação em Letras - Língua Portuguesa e Libras. Universidade Federal da Paraíba.

STROBEL, K. L. . **As imagens do Outro sobre a cultura surda** - 2ª edição revisada. 2. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2009. v. 1. 134p .

STROBEL, K. L. . **Visão Histórica sobre a Inclusão dos Surdos**. ETD. Educação Temática Digital , 2007

Um Breve Histórico Da Educação De Surdos. *In*: Surdez e Linguagem. Brasil, 2010. Disponível em: <http://surdezelinguagem.blogspot.com/2010/11/um-breve-historico-da-educacao-de.html>. Acesso em 23 de set de 2022.

Um pouco da história da língua de sinais no mundo e no Brasil. *In*: Diversidade em comunicar. Brasil, 2013. Disponível em: <https://diversidadeemcomunicar.wordpress.com/2013/08/06/um-pouco-da-historia-da-lingua-de-sinais-no-mundo-e-no-brasil/>. Acesso em 23 de set de 2022.

ANEXO

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**DEPARTAMENTO DE TEORIA E FUNDAMENTOS
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO**

A pesquisa “A Educação de Surdos Durante A Pandemia” desenvolvida como Trabalho Final de Curso (TFC) do curso de Pedagogia da UnB,tem como objetivo

compreender o ensino e aprendizagem dos surdos durante a pandemia em uma escola do DF.

Para tanto, proponho uma investigação de caráter qualitativo, realizada através de uma parte teórica e prática, sendo sua primeira parte um estudo bibliográfico de autores que tratam a Educação de Surdos, e a segunda parte um estudo de campo, onde foi utilizada como técnica a entrevista semi-estruturada.

Comprometo-me a responder devida e adequadamente qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento que eventualmente o(s) participante(s) venha(m) a ter no momento da pesquisa ou posteriormente, bem como respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho. Desta forma, informo que quaisquer dados obtidos junto a Instituição estarão sob sigilo ético.

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas,

eu..... concordo em participar da

mesma e autorizo a utilização das respostas dadas em entrevista para análise da pesquisa.

O NOME DO ENTREVISTADO NÃO APARECERÁ NA PESQUISA

Assinatura do participante

Pesquisadora: Rebecca de Andrade Martins Barbosa

Assinatura: _____

Orientadora: Profa Liège Gemelli Kuchenbecker

Assinatura: _____

